



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	A serendipidade e a leitura proustiana dos signos
Autor	EDUARDO KIVES
Orientador	MARTA REGINA DE LEO D AGORD

O projeto de pesquisa *Psicanálise e Literatura* tem por objetivo a análise da elaboração conceitual que emerge, no campo da psicanálise, a partir do diálogo com a Literatura. Esta, segundo Barthes (2004), é realista, na medida em que sempre tem o real como objeto (causa) de desejo, e irrealista, porque acredita sensato o desejo do impossível (ficção). Nosso enfoque é o diálogo entre a busca de representação do Real pela Literatura e a concepção psicanalítica do inconsciente como saber sobre o Real. Na direção de tratamento psicanalítico, a fala leva o sujeito a fazer o saber funcionar como verdade. Ora, um saber que funciona como verdade é uma ficção. É em função dessa aproximação ao ficcional que a Psicanálise interessa-se pelo campo da literatura, devido às relações que os autores literários estabelecem entre o Real, o Simbólico e o Imaginário.

Neste contexto, escolhemos a obra *No Caminho de Swann*, de Marcel Proust, a qual foi nosso objeto de escuta, segundo o método da serendipidade. A respeito da serendipidade, A. J. Bachrach (1965) conta que a origem do termo remonta à obra *Three Princes of Serendip*, de Walpole, em que três príncipes saem pelo mundo à procura de algo, não o encontram, mas terminam por descobrir muitas coisas que não haviam procurado. Essa espécie de descoberta acidental é considerada pelo autor uma importante qualidade da pesquisa, de modo que a mente do pesquisador deve estar aberta para recebê-la.

Segundo Deleuze (2006), erramos quando acreditamos em fatos, pois só há signos. Quanto aos signos, podemos pensá-los, de um modo geral, sem o intuito de esgotar suas muitas classificações possíveis, como códigos (e.g., boas maneiras), ícones (e.g., maquetes arquitetônicas), símbolos (e.g., cruz cristã), sinais (e.g., semáforo), e índices (e.g., nuvem de chuva). Proust nos fornece, em sua obra, uma leitura da multidão signos que habitam o mundo do narrador, valorizando o encontro com o acaso, com o acidental (poderíamos dizer que, assim como nossa pesquisa, a leitura proustiana é serendípica), atribuindo à violência que os signos exercem sobre o intérprete o próprio início do ato de pensar. É desse modo que emerge o conteúdo da primeira parte do romance, no famoso episódio da *madeleine*, quando um bolinho amolecido em uma colherada de chá, ao tocar o paladar do narrador, evoca uma maré de lembranças relacionadas a Combray, cidade de sua infância.

Mas, no encontro com o outro, os signos não se dão a ler sem equívocos. O personagem Swann é tomado por ciúme quando lê no sorriso da sua amada o amor dirigido a ele mas também a um rival. Com a descoberta de que os signos são recriações daquele que os experimenta, o narrador leva seu personagem a abandonar a crença de que os signos representam plenamente os sentimentos: “todos os encantos de uma tristeza íntima, era a eles que ela [a frase musical] tentava imitar e recriar, e até a sua própria essência, que consiste em serem incomunicáveis e parecerem frívolos a qualquer outra pessoa que não seja a que os experimenta” (Proust, 2006).

Se na clínica psicanalítica predomina a escuta da fala, na leitura proustiana do mundo a palavra é somente um dentre muitos outros signos que se abrem à interpretação. A equivocidade dos signos, capaz de afetar a sensibilidade do intérprete e iniciar nele o ato de pensar, é o que permite que Proust crie uma literatura em que o que importa é o que se constrói a partir de lembranças involuntárias. O fio narrativo da obra é traçado pelo que os signos evocam no narrador, assim é para mostrar a supremacia dos signos que se prescinde da distinção entre narrador e autor.

A pesquisa em curso tem como um de seus primeiros resultados a aproximação entre três formas de pesquisa: o método de escrita de uma obra literária, o da memória involuntária; o método psicanalítico, enquanto escuta do que não foi dito; e a serendipidade, o encontro do que não se procurava.